

**QUESTÕES DE ORTOGRAFIA
NA PROVA DE CONCURSO PÚBLICO
PARA ATENDENTE COMERCIAL I, DOS CORREIOS (2004):
UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA DO PORTUGUÊS.**

Reinaldo Cavalcante Nepomuceno (UEMS\UCG)
reinaldo.cavalcante@tjms.jus.br

Miguél Eugenio Almeida (UEMS\UCG)
mealmeida_99@yahoo.com.br

1. Considerações gerais

Nesta pesquisa, elucidamos as diversas dúvidas que assolam alunos e professores sobre ortografia. Por isso, procuramos explicar o porquê do uso da sibilante (-ç) intervocálica, dos plurais terminados em *-ão* e, assim, utilizarmos metodologicamente a segunda via de estudo histórico: “[...] voltar ao passado para iluminar o presente” (FARACO, 2005, p. 118), para discorrer sobre transformações fonéticas ocasionadas durante o período da formação da língua portuguesa. Portanto, valer-nos-emos da abordagem diacrônica do português. Segundo Maurer Jr. (1962), há certa desconfiança desse método para reconstrução de uma fase linguística antiga. Porém, quando usado com critério, sem que se exija dele mais do que pode fornecer, esse método é ainda de valor inestimável, pois nos revela um estado linguístico inteiramente inacessível por outros meios.

A razão desta pesquisa está no fato da não contemplação na *Gramática Normativa* de Cunha (2008), nas explicações detalhadas sobre ortografia de consoantes sibilantes e plural dos substantivos terminados em *-ão*. Para tanto, servimo-nos da filologia portuguesa, a partir das seguintes fontes teóricas: gramáticas históricas de Coutinho (1976) e Said Ali (1971), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Cunha (2010) e outros filólogos e latinistas.

Matos e Silva (1996) deixa evidente que o método abordado não se trata nem de especulação nem de curtição erudita. Ainda esclarecemos que é necessário afastar o pensamento de que o imediatamente não aplicável não faz sentido, é quase uma inutilidade. Consoante esta autora, é observando o passado que podemos recuperar surpresas que o presente, frequentemente, nos faz.

Faremos uma apresentação geral dos períodos históricos da ortografia da língua portuguesa. Outrossim, as transformações fonéticas estão contempladas na análise.

2. Ortografia

Conforme Coutinho (1976), a língua portuguesa nunca foi uniforme a quem quer que se tenha consagrado ao seu estudo. Também é necessário ter em mente que os idiomas neolatinos não ficaram localizados somente na Europa. Em contrapartida, Said Ali (1971) explica-nos que, com a colonização em pontos remotos da África, Ásia e em grande extensão do continente americano, estes idiomas passaram a ser falados também em outras partes do mundo.

A partir desse momento, é inconcebível não se falar em alterações fonéticas. Os povos indígenas, que diferem uns dos outros, entram em contato com os novos idiomas e não só apresentam dificuldades em seus órgãos fonadores para a reprodução desses novos sons, como também, percebem mal certos fonemas que não lhe são familiares. De acordo com Said Ali (*op. cit.*, p. 18) essa é a razão do surgimento dos idiomas neolatinos, entre eles o português. Desse modo, é mister o estudo filológico, porque, conforme esse filólogo, a existência de diferentes documentos afirmam não ser o português de exclusiva procedência latina. Ainda conforme o filólogo, outros povos, após os romanos, dominaram a Península Ibérica, deixando vestígios de sua passagem, notando-se, principalmente, no português antigo, a adoção de vários termos de origem árabe.

Antes das primeiras propostas de normatização, que se iniciam nos meados do século XVI, destacavam-se os textos do português arcaico pelo seu caráter espontâneo e se aproximando mais da fala do que textos posteriores à normatização (MATOS E SILVA, 2003, p. 13-14). Com o advento da normatização, teremos o português dividido em três períodos distintos: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado.

O período fonético se inicia com os primeiros documentos redigidos em português e vai até o século XVI. A tendência desse período era uma escrita que representasse fidedignamente a fala. Segundo Coutinho (*op. cit.*, p. 72), algo impraticável em razão das diferentes características entre grafia e língua falada. A primeira, tradicional, não é capaz de acompanhar o dinamismo da segunda e logo se apresenta dissídio entre uma e outra.

No período pseudoetimológico, o critério adotado pelos pseudoetimologistas era respeitar a grafia original das palavras. De acordo com Coutinho (*op. cit.*, p. 76), eram comuns símbolos inúteis que não constituíam fonemas e que davam ao idioma um ar postiço. Não só os vocábulos que entram para o nosso idioma como aqueles que já apresentavam formas vulgares sofrem com a onda etimológica. Inicialmente, buscou-se no latim o critério etimológico, porém, com o advento do Romantismo, tomou-se o francês como alicerce, aumentando-se ainda mais os disparates na ortografia.

Antes do período simplificado não havia padrão uniforme na ortografia da língua portuguesa. Era comum cada autor apresentar uma ortografia própria. É aí que, em 1904, Gonçalves Viana publica *A Ortografia Nacional*. O foneticista estuda inúmeros vocábulos cuja grafia não se podia justificar, e lança os princípios que nortearão a simplificação ortográfica.

3. *Análise das ocorrências*

Selecionamos no “*corpus*” um total de 33 metaplasmos, em 7 vocábulos analisados. Primeiramente, analisaremos as ocorrências fonéticas presentes nos vocábulos “*atração*”, na questão 7, “*edição*”, na questão 3 e “*punição*”, na questão 23 para definirmos o critério do uso da grafia (-ç) da consoante sibilante. Em um segundo momento, discutiremos sobre o plural dos vocábulos terminados em -ão. São eles “*macarrão*”, encontrado na questão 1 e “*agrião*”, na questão 8.

A última análise mostra que os metaplasmos não decorrem de maneira isolada e que o discurso é responsável por modificações no léxico de uma língua. Assim, analisamos as ocorrências fonéticas em vocábulos aparentemente distintos; entretanto procedentes do mesmo fenômeno linguístico. São estes “*vinagrete*”, na questão 1 e “*irmão*”, na questão 18 do *corpus*.

A seguir, analisamos as ocorrências fonéticas das palavras selecionadas, a partir do latim até o português do período simplificado.

A) *Attractio, ònis* > Atração (-ões)

1. Redução da consoante geminada
2. Assimilação de -c ao -t

3. Assibilação de segmento sonoro em sibilante
4. Dissimilação da vogal alta para baixa
5. Nasalação da vogal anterior seguida de ditongação

B) *Editio, õnis* > Edição (-ões)

- 1) Assibilação de segmento sonoro em sibilante
- 2) Dissimilação da vogal alta para baixa
- 3) Nasalação da vogal anterior seguida de ditongação

C) *Punitio, õnis* > Punição (-ões)

1. Assibilação de segmento sonoro em sibilante
2. Dissimilação da vogal alta para baixa
3. Nasalação da vogal anterior seguida de ditongação

D) *Macarone* > Macarrão (-ões) (CUNHA, 2010)

- 1) Troca de uma vibrante simples para uma vibrante múltipla
- 2) Dissimilação da vogal média para baixa
- 3) Síncope da alveolar nasal e vogal média anterior
- 4) Nasalação seguida de ditongação.

E) *Agrion* > Agrião (-ões) (*Idem, ibidem*)

- 1) Dissimilação da vogal média para baixa
- 2) Síncope da alveolar nasal
- 3) Nasalação seguida de ditongação.

F) *Vīnum ācre* (*Idem, ibidem*) > Vīnu acre (MAURER JR., p. 44)
> Vinagre ~ Vinagrete

- 1) Apócope da bilabial nasal
- 2) Apócope da vogal alta seguida de aglutinação derivacional
- 3) Sonorização da consoante surda para a homorgânica sonora
- 4) Derivação por sufixo de diminutivo

G) *Germānus* (CUNHA, 2010) > ermano (XIII) > ermão (COUTINHO, 1976, p. 130) > irmão

1. Aférese
2. Dissimilação da vogal alta posterior para sua homorgânica média
3. Apócope da consoante sibilante
4. Síncope da nasal seguida de nasalação da vogal baixa e ditongação
5. Assimilação da vogal média anterior em sua homorgânica.

Metaplasmos nas palavras	Nº de ocorrências	Percentual
Redução da consoante geminada	1	3,03%
Assimilação	2	6,06%
Assibilação	3	9,09%
Dissimilação	6	18,18%
Nasalação	6	18,18%
Ditongação	6	18,18%
Troca da vibrante	1	3,03%
Síncope	3	9,09%
Apócope	3	9,09%
Sonorização	1	3,03%
Aférese	1	3,03%
Total	33	99,99%

Em relação do quadro acima, observamos o elevado índice de dissimilação vocálica, nasalação e ditongação. Uma possível explicação do vultoso número de dissimilações está no fato de que em posição átona final não distingue perfeitamente os fonemas /e/ ou /i/. Embora grafado “*Attractiōnis*”, “*Editiōnis*” e “*Punitiōnis*”, estes passam ao português

moderno como “atrações”, “edições” e “punições”; no entanto, a vogal final é neutralizada durante a fala. Esta confusão referente às vogais anteriores é, dessa maneira, explicada por Matos e Silva:

Desde muito cedo, /i/ e /e/ finais se fundiram num único fonema... desde o século XIII algumas palavras que terminavam em i provenientes de /i/ passam a ocorrer também em e. O fonema resultante dessa fusão dos dois fonemas admitiria diferentes realizações fonéticas, ora [e], ora [i], ora timbres intermediários (MATOS E SILVA, *apud* MAIA 1986, MATOS E SILVA, 1996, p. 56).

Segundo Fiorin (2003, p. 41) não havia distinção entre vogais anteriores em sílaba átona final, podendo-se pronunciar de uma forma ou de outra, porém sendo convencionado, para o português, a vogal /e/ (MATOS E SILVA, 2003, p. 55).

Antes de partirmos à análise das ocorrências fonéticas daremos uma ênfase no vocábulo “*Attractio, õnis*”, visto que é o único a apresentar geminação consonantal. Essa geminação era característica do Latim Clássico e foi retomada durante o período pseudoetimologista. Conforme Coutinho (*op. cit.*, p. 75) o critério adotado pelos pseudoetimologistas era respeitar, tanto quanto possível as letras originárias de cada palavra, embora não representassem nenhum valor fonético.

De acordo com o filólogo Silveira Bueno, podemos constatar a redução, na passagem para o português, da consoante linguodental surda:

As consoantes geminadas simplificam-se, em sua passagem para o português, conservando-se a resultante simples: flamma = chama; annum = ano; cappam = capa; approbare = aprovar; sabbatum = sábado; buccam = bôca; effectum = efeito; agravum = agravo; caballum = cavalo; cappilum = cabelo; attendere = atender; peccatum = pecado; summan = soma (BUENO, 1967, p. 136).

Insurgiu-se contra as consoantes insonoras o período simplificado da língua portuguesa. Consoante Coutinho, anteriormente não havia padrão na língua portuguesa e, desse modo, esta se encontrava:

Se, como afirmamos linhas atrás, nunca houve padrão uniforme entre os nossos escritores, às vezes de uma mesma época, nos últimos tempos o mal agravou-se de tal maneira que cada autor possuía uma grafia própria. Assim, Garret não escrevia como Herculano, nem latino como Camilo (COUTINHO, 1976, p. 77).

Com a publicação de *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, em 1904, o foneticista estuda um grande número de vocábulos, cuja gra-

fia tradicionalmente aceita se não podia justificar, e assenta os princípios de qualquer simplificação ortográfica, entre eles:

1. Proibição dos símbolos de etimologia grega (th, ph, ch = k, rh e y);
2. Redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de rr e ss;
3. Eliminação de consoantes nulas que não influíssem nas vogais precedentes;
4. Regularização da acentuação gráfica.

Essas reformas tornaram-se obrigatórias em 1 de setembro de 1911 por meio da portaria do executivo português e estendendo-se também aos domínios lusitanos. Os linguistas brasileiros não foram convidados a colaborar, porém não impediu que renomados professores do Brasil a reconhecessem (*Idem, ibidem*, p. 78-79).

A partir deste ponto, discorreremos sobre o porquê do uso das consoantes sibilantes para, enfim, elucidarmos o critério para o emprego da sibilante surda -ç. Os vocábulos escolhidos foram retirados do nosso corpus de pesquisa, são eles: “*atração*”, encontrado na questão 7, “*edição*”, na questão 3 e “*punição*”, questão 23 do corpus. Não só é complicado depreender as normas de uso desses grafemas como, ainda mais, encontrando-se em posição intervocálica.

A intervocalidade é um ponto tão complexo que não somente a atual sibilante surda se vê diante de tantos grafemas para representá-la; o mesmo também ocorre com a sibilante sonora (SAID ALI, 1971, p. 49). Diante desse impasse, qual o critério estabelecido para nossa conhecida ortografia? Para discorrermos sobre ortografia é preciso uma retomada histórica para que possamos ter uma base acerca do assunto.

Primeiramente, o critério utilizado para a grafia era o fonético e os símbolos empregados estavam em conformidade com o que discernia o ouvido. Sobre esse critério, aponta Said Ali:

Inconfundíveis foram a princípio os valores de s e z entre vogais e no fim das palavras, e o que a escrita distinguia era o que o ouvido percebia. Este fato pode observar-se na grafia dos nomes patronímicos. Até fins do século XIV escreveram-se sempre com -iz, -ez: Pirez, Fernandiz, Fernandez, Vaasquez, Alvarez etc. Do século XV em diante ocorrem já Vaasques, Gonçalves a par de Vaasquez, Gonçalvez; o que quer dizer que já não havia distinção fonética entre -ez e -es, mantendo-se a primeira forma somente por força do hábito (*op. cit.*, p. 50).

Ou, conforme outro filólogo, ocorre o seguinte:

Em Portugal, segundo estudos já feitos, houve diferença perfeita entre eça e essa, entre você e nascer, sons que hoje são perfeitamente confundidos, podendo-se representar todos com os mesmos símbolos gráficos: essa, essa, vossê, nasser. Qual teria sido essa diferença? Ainda aqueles que tocam neste ponto são obscuros e pensam que foste esta: o -ç era pronunciado com a ponta da língua no dente, tal qual ainda se faz no espanhol europeu com z: azucar (açúcar), zapato (çapato), corazon (coração), fuerza (fôrça). Em certas regiões este som conservava ainda a sua força arcaica da época trovadoresca, som que ouvimos ao povo rústico do Brasil: c, ç, sc = ds: você = vodsê; descer = detser. Entre nós escuta-se no interior do país: mecê = metsê (BUENO, 1967, p. 54).

Conforme citado acima, não foi possível a manutenção do critério fonético tendo em vista a limitação do ouvido humano. Apesar disso, foi mantido o critério etimológico, que orientava acerca da ortografia:

Nas “Décadas” de Barros, nos “Lusíadas” e em outras obras publicadas no século XVI, nota-se, quanto à ortografia de vocábulos já existentes no idioma, a distinção entre s e z feita em geral com a regularidade observada nos escritos de épocas anteriores. Devemos atribuir o fato à tradição ortográfica, bem como à influência do espanhol. Barros, Camões e outros eram muito ligados em obras antigas e versavam o espanhol como a própria língua materna (SAID ALI, 1971, p. 50).

Segundo o mesmo filólogo, foi a falta ou a ineficácia do conhecimento etimológico o complicador do uso dos grafemas s e z:

Da edição de 1604, feita em Coimbra, na oficina de Diogo Gomes Loureiro, impressor da Universidade, dos “Diálogos” de Amador Arrais, “revisitos e acrescentados pelo mesmo autor nesta segunda impressão”, posso apontar: portugueza (com z e não s) e uzar logo no Prólogo; canonisou (20); anatomisou (9, duas vezes), a par de eternizar (7); introdusir, introduzio (7 e 8); pezares (7); loquases, efficases (33); a terminação *-eza* escrita ora com z, ora com s, fraquesa, grandesa (31), cortesa (8), tristesa (*Idem, Ibidem*).

A partir desse ponto, a grafia de s e z torna-se dificultoso visto que era obsoleto o critério fonético e que o critério etimológico também não correspondia às expectativas. Então, como foi definida esta celeuma? No século XVII, caracterizou-se a ortografia das sibilantes pela flutuação. Ora escrevia-se com s ora com z:

Pelo século XVII não somente era nulo o critério do ouvido para decidir sobre o emprego das mencionadas letras, mas ainda devia ir-se enfraquecendo a influência da grafia tradicional. Interessados entretanto os editores, mas do que os autores, em evitar a balbúrdia, esforçaram-se até certo ponto para conservar o costume antigo. Naqueles casos, porém, em que havia incerteza ou esquecimento da escrita usual de outrora e, por mingua de conhecimentos etimológicos, ou não acudia ao espírito a imagem do respectivo termo latino ou não se percebia a relação fonética entre os vocábulos de uma e outra língua,

nesses casos vacilava-se a grafia, escrevendo o vocábulo ora de um, ora de outro modo, ou então firmava-se a forma de escrever muitas vezes em pura contradição com a prática do passado (*Idem, Ibidem*).

Essa retomada ao passado apontou tanto sobre a grafia de consoantes surdas como as sonoras intervocálicas. E no caso da consoante surda intervocálica (-ç) encontrada em “*atração*”, “*edição*” e “*punição*”? Nesses casos, prevalece o critério etimológico para sua ortografia. Acerca dessa sibilante, discorre o mesmo filólogo:

Em português antigo havia dous fonemas parecidos, porém não idênticos, representados uns por *s* ou *ss*, e outro por *ç* ou *c* [a cedilha¹¹¹, usada antes de qualquer vogal, acabou por ser dispensada antes de E e I]. Nos vocábulos de origem latina, coincide o uso de *s* com o desta letra em latim e o de *ç* ou *c* corresponde a *c* ou *ti* da língua-mãe. A reminiscência do latim teria influído, porém em medida assaz limitada. Os antigos escritores não tinham preocupação etimológica e, se a tivessem, a falta de preparo filológico os levaria a aberrações que todavia não lhes notamos (*Idem, Ibidem*, p. 49).

A explicação acima deixa evidente a necessidade de se conhecer a etimologia dos vocábulos a fim de se evitar confusões na compreensão de regras ortográficas. Temos aqui os termos “*atração*”, “*edição*” e “*punição*”, que se representam com a consoante surda intervocálicas (-ç), apesar de Said Ali apontar que em posição precedida e sucedida de vogal o símbolo simples (-s) traduzir a pronúncia sonora, enquanto que o duplicado (-ss) faz a representação da pronúncia surda (*Idem, Ibidem*, p. 27).

Nesse caso, donde se manifesta a relação entre o grafema linguodental surdo e o sibilante?

Segundo Almeida (1994, p. 29) a linguodental surda seguida de *i* breve tem o som de sibilante surda (-c), de acordo com suas formas latinas: “*Attractio*, *Editio* e *Punitio*”. Outro filólogo também fala sobre a linguodental surda representando sibilante, todavia em sua gramática é, assim, apresentado “Diz o gramático Papyrus que a pronúncia deste grupo era -tzi’’: *Justitia cum scribitur, tertia syllaba sic sonat quae constet ex tribus litteris, t, z et i*’ (COUTINHO, 1976, p. 129).

Esses dois filólogos deixam uma questão: A consoante linguodental surda, nesses casos, representam sibilante surda ou sonora?

¹¹¹ O sinal a que chamamos de cedilha resultou de um pequeno *z* e colocava-se entre a consoante e a vogal sempre que se empregava *C* maiúsculo, tomando depois a forma simplificada de vírgula: *C,ingapura*; *C,unda*; *C,ocotora* etc. (*Idem, ibidem*).

Essa dúvida é esclarecida pelo filólogo Silveira Bueno de modo objetivo por meio da transformação fonética denominada assibilação:

Tem-se o primeiro caso quando um som gutural, por exemplo, na latim centum (pronunciado kentum) que passa a s ou simplesmente c antes de e, i, cento, cem. É ainda assibilação quando o resultado é a sibilante sonora z: coquo = cozo; cocina (cokina) = cozinha. Em outra variantes temos a dental seguida de de duas vogais que também se assibila, ou em c-ç ou z: capitia = cabeça; prigrítia = preguiça; mollítia = moleza; bellítia = beleza; ardeo = arço; audio = ouço; vitium = viço ou vezo (1967, p. 71).

Após as explicações, concluímos que as palavras “*atração*”, “*edição*” e “*punição*” respeitaram, para sua grafia, o critério etimológico uma vez que em vocábulos de origem latina, o uso de -ç ou -c corresponde a -c ou -ti da língua-mãe (SAID ALL, *Idem, Ibidem*, p. 49). Um exemplo do critério etimológico encontra-se no vocábulo “*decisão*”, na questão 2 do corpus, visto que em relação do fonema (/s/) sibilante, a única mudança para o português é sua correspondente homorgânica sonora: dē-cīsiō > decisão.¹¹²

Na próxima análise, procuraremos aferir os plurais dos vocábulos “*macarrão*”, encontrado na questão 1 e “*agrião*”, na questão 8 do nosso corpus, recorrendo à etimologia das palavras para definirmos os critérios utilizados para o plural dos nomes terminados em *-ão*. Dúvidas relacionadas a esses nomes são levantadas, inclusive, por Matos e Silva da seguinte maneira:

Exemplos de todos conhecidos: por que irmãos, mas corações, cães, se no singular temos irmão, coração, cão? Sem dúvida, para quem hoje usa e tem oportunidade de refletir sobre a língua que usa, alguma informação histórica passada é um instrumento útil para abrir caminhos para o conhecimento de sua língua (*op. cit.*, p. 13).

Segundo Coutinho “o ditongo *-ão*, tão frequente em nossa língua, representa modernamente as formas do português arcaico *-ão*, *-am*, *-om*, correspondentes ao latim *-anu*, *-one*, *-ine*, *-unt*, *-um*, *-on*, *-ant*, *-a(d)unt*” (*op. cit.*, p. 110). O mesmo ratifica outro filólogo:

Inúmeros são os substantivos terminados em *-ão*. Como procedem, salvo poucas exceções, uns por filiação direta, outros por criação analógica, de nomes latinos em *-o*, genitivo *-onis*, formam naturalmente o plural em *-ões*. Manteve-se aqui a regularidade de plural (SAID ALL, *op. cit.*, p. 59).

¹¹² As consoantes intervocálicas latinas sonorizam-se, em português, nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem (COUTINHO, 1976, p. 137).

Ainda, consoante este filólogo:

Concorreu para a fusão das primitivas terminações no ditongo -ão a preexistência do referido ditongo em camada mais antiga da linguagem, e oriundo de n intervocálico: mão (mã-o de manu-), cristão (cristã-o de christianu-), são (sã-o de sanu), vão (vã-o de vanu-), chão (chã-o de planu-), pagão (pagã-o de paganu) e outros (*op. cit.*, p. 38).

A formação do ditongo -ão procedente de n intervocálico também é apontado por Matos e Silva:

As vogais nasais estão grafadas com til sobreposto ou seguidas de <n>: vejam-se, por exemplo, temête (1.2), mãda (1.4), folgãcia (1.7), barô (1.11), nô (1.11), mas sendo (1.2), sten (1.6), infante (1.7); o ditongo nasal final são está representado por <ão>: sano (1.2), mas se sabe que nessa época já teria ocorrido a queda da nasal intervocálica no galego-português que permitiu a ditongação (*op. cit.*, p. 27).

Assim, “*macarrão*” e “*agrião*” por analogia seguem as regras acima: mão (mã-o de manu-), cristão (cristã-o de christianu-), são (sã-o de sanu), vão (vã-o de vanu-), chão (chã-o de planu-), pagão (pagã-o de paganu) e outros.

A principal questão dos nomes terminados em -ão é determinar com exatidão seu plural. Said Ali afirma “posto que passem a ter plural duvidoso, tende a fixar-se a forma regular em -ões: aldeão, aldeãos, aldeões; anteanu (CUNHA, 2010) > ancião, anciãos, anciães e anciões; villanus (*Idem, ibidem*) > vilão, vilões e vilões; truand (*Idem, ibidem*) > truão, truães e truões” (*op. cit.*, p. 60). Do mesmo modo, Cunha orienta em sua gramática “Para alguns substantivos finalizados em -ão, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em -ões” (2008, p. 113).

Em uma relação com os vocábulos apontados por Said Ali é possível constatarmos que, dos nomes terminados em -ão, os únicos com somente um plural (-ões) são os que originaram-se de -one e -ine segundo a tabela (COUTINHO, 1976, p. 110):

-ONE

Oratione > oração	Orações
Devotione > devoção	Devoções
Ratione > razão	Razões

-INE

Servitudine > servidão	Servidões
Multitudine > multidão	Multidões
Certitudine > certidão	Certidões

Um ponto interessante descrito por Said Ali, em relação aos vocábulos terminados em *-ão*, é a confusão sofrida pela pronúncia destes nomes. Estes embaraços na pronúncia foram, anteriormente, apontados por Matos e Silva (*op. cit.*, p. 56) na questão das vogais anteriores. Esse elevado índice de plurais é assim explicado por Said Ali:

Os termos em *-ane* e *-anu*, donde se originaram os plurais em *-ães* (português antigo *ãaes*) e *-ãos* (português antigo *-ãaos*), recebidos do latim, foram muito poucos em comparação da onda de nomes em *-one* com que se enriqueceu o idioma português; e teria havido menos dificuldade em formar o plural desses diversos nomes se no singular as terminações *-om*, *-am* e *-ão* houvessem sempre permanecido sempre distintas entre si. Ao contrário disso, principiaram elas cedo a confundir-se na pronúncia, e daí o embaraço não somente para o plural dos vocábulos de filiação latina, cuja etimologia era obscura e esquecida, mas ainda para os termos que novamente se cunharam ou importaram do estrangeiro (*op. cit.*, p. 60).

Um exemplo destes embaraços, no que tange os plurais, encontra-se nas tabelas abaixo (CUNHA, 2008, p. 113-114):

-AN

	ões	ãos	ães
Sultān (CUNHA, 2010) (ár) > sultão	x	x	x
Charlatan (<i>id.</i> , <i>ibid.</i>) (fr) > charlatão			x
Guardian (<i>id.</i> , <i>ibid.</i>) > guardião	x		
Refrán (<i>id.</i> , <i>ibid.</i>) (cast) > refrão	x	x	
Sacristan (<i>id.</i> , <i>ibid.</i>) > sacristão		x	x

-ANU

	ões	ãos	ães
Nānus (FARIA, 1975) > anão	x	x	
Anteanu (CUNHA, 2010) > ancião	x	x	x
Castellānus (<i>id.</i> , <i>ibid.</i>) > castelão	x	x	
Villanus (<i>id.</i> , <i>ibid.</i>) > vilão	x	x	x
Vulcānus (<i>id.</i> , <i>ibid.</i>) > vulcão	x	x	x

Vērānum (<i>id., ibid.</i>) > verão	x	x	
Hortūlanus (<i>id., ibid.</i>) > hortelão	x	x	

-ANE

	ões	ãos	ães
Pane (COUTINHO, p. 110) > pão			x
Cane (<i>id., ibid.</i>) > cão			x

Em uma correlação com as tabelas acima é possível observarmos que sultão, do árabe Sultān, faz o plural em *-ões*, *-ãos* e *-ães*. Embora com a mesma terminação, sacristão, de sacristan, não apresenta a mesma analogia uma vez que não possui o plural em *-ões*. Quando mencionada a terminologia analogia é preciso saber o que Coutinho aponta sobre esse fenômeno linguístico:

Resulta a analogia da influência de um vocábulo sobre o outro, determinando igualdade ou aproximação; ao passo que a assimilação visa à identidade ou semelhança dos fonemas, na mesma palavra. “Assim, diz Maximino Maciel, como no organismo do vocábulo os fonemas se assimilam e se dissimilam, assim vocábulos há cujos fonemas se modificam por influência dos de outros, de sorte que aquelas formas irregulares e menos gerais vão se adaptando à prosódia de outras, mais conhecidas e mais gerais. Este fenômeno se diz interferência ou analogia morfológica... (*op. cit.*, p. 151).

Sobre o fenômeno citado anteriormente, outro filólogo explana de maneira análoga:

Ignora-se a data ou momento exato do aparecimento de qualquer alteração linguística. Neste ponto nunca será a linguagem escrita, dada a sua tendência conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a, a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo mundo diz, se decide também a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não somente de fatos isolados, mas ainda do aparecimento de todo o português moderno (SAID ALI, *op. cit.*, p. 8).

Dando continuidade à questão da analogia, o mesmo filólogo ratifica que os nomes em *-one* foram aqueles que mais enriqueceram o idioma português (*op. cit.*, p. 60). Então, por analogia, podemos constatar que os nomes terminados em *-ine* e *-anu* seguem os substantivos em *-one* uma vez que, como este, aqueles todos apresentam o plural em *-ões*, o

que já não ocorre com as terminações *-ane* e *-an*. Vejamos os quadros (COUTINHO, *op. cit.*, p. 110):

-ONE

Oratione > oração	Orações
Devotione > devoção	Devoções
Ratione > razão	Razões

-INE

Servitudine > servidão	Servidões
Multitudine > multidão	Multidões
Certitudine > certidão	Certidões

-ANU

	ões	ãos	ães
Nānus > anão	x	x	
Anteanu > ancião	x	x	x
Castellānus > castelão	x	x	
Villanus > vilão	x	x	x
Vulcānus > vulcão	x	x	x
Vērānum > verão	x	x	
Hortūlanus > hortelão	x	x	

-AN (CUNHA, 2010)

	ões	ãos	ães
Sultān (ár) > sultão	x	x	x
Charlatan (fr) > charlatão			x
Guardian > guardião	x		
Refrán (cast) > refrão	x	x	
Sacristan > sacristão		x	x

-ANE (COUTINHO, 1976, p. 110)

	ões	ãos	ães
Pane > pão			x
Cane > cão			x

Conforme quadro acima, são enormes as variações nas palavras com ditongo *-ão*, sendo complicado estabelecer uma regra didática de modo a elucidar essas variações de plurais. Uma explicação dessa quantidade de plurais está no próprio princípio da analogia apontado por este autor:

A princípio, são as formas analógicas tachadas de errôneas pelas pessoas instruídas. À força, porém, de serem repetidas pelos ignorantes, que numa nação constituem sempre a maioria, vão-se generalizando, até que, pelo enfraquecimento natural da memória ou pela ausência completa de cultura, acabam por prevalecer. É o que explica a atual conjugação dos verbos como impedir, expedir, despedir, cujo indicativo e subjuntivo era, ainda no tempo de Vieira, regulares: impido, impida, expido, expida, despido, despida. Tais verbos nada têm a ver com pedir, pelo qual são erradamente conjugados hoje (COUTINHO, 1976, p. 151-152).

Enfatizamos que não é possível estabelecer uma regra única que determinará o plural dos nomes em *-ão*. Um exemplo dessa impossibilidade é a análise dos vocábulos *paganos* (COUTINHO, 1976, p. 158) > pagãos; panes > pães; sermones (*Idem, ibidem*) > sermões. Recorrendo à analogia é evidente que em caso de síncope da linguodental seguida de nasalização da vogal anterior fica claro que *paganu* faz o plural em pagãos e panes em pães assim como sermones em sermões, contudo como explicar o fato de nossas gramáticas apresentarem também o plural de verão (> *Vērānum* > veranu) em verões?

Consoante o mesmo filólogo esses casos manifestam-se pela ação da analogia. “Nem todas, porém, se satisfizeram com o plural próprio. Um bom número assumiu a flexão das outras, de que resultou apresentaram duas e três formas no plural, o que se verifica com anão, alão, aldeão, ancião, hortelão, sacristão, serão, verão e vilão” (*Idem, Ibidem*, p. 157-158). Segue abaixo quadro ilustrativo:

	PLURAL PRÓPRIO	PLURAL ANALÓGICO
Anão	Anãos	Anões
Alão	Alãos	Alões, Alães
Aldeão	Aldeãos	Aldeões, Aldeães

Ancião	Anciãos	Anciões, anciães
Hortelão	Hortelãos	Hortelões
Sacristão	Sacristãos	Sacristães
Serão	Serãos	Serões
Verão	Verãos	Verões
Vilão	Vilãos	Vilões, Vilães

Concluindo nossa pesquisa aferiremos dois vocábulos, aparentemente, distintos, mas que apresentam semelhantes ocorrências fonéticas em razão do discurso e ainda sofrendo o processo de aglutinação. São eles “*vinagrete*”, questão 1 do nosso corpus e “*irmão*”, questão 19.

No vocábulo *vinagrete* (< Vīnum ācre > Vīnu acre) constata-se a sonorização da consoante surda em razão da articulação demorada de uma vogal precedente. Se analisarmos o termo “*ācre*” (ácido) veremos que a vogal aberta longa contribuiu para a sonorização do grupo consonantal -cr, fato confirmado segundo este filólogo:

Em português, como em espanhol, passaram de surdas a sonoras as oclusivas latinas P,T,K (grafia c), em posição média, usada depois de uma vogal: a) como consoante simples: riba (ripa-), vita (vita-), lago (lacu-), fogo (focu-), jôgo (jocu-), mudo (mutu-), figo (ficu-), lado (latu-), amigo (amicu-), agudo (acutu-), espada (spatha-), roda (rota-); b) nas combinações pr, tr, cr: cabra (capra-), obra (op(e)ra), vidro (vitru-), pedra (petra-), sogro (soc(e)ru-), padre (patre-), madre (matre-) (SAID ALI, *op. cit.*, p. 25).

Ainda conforme o mesmo filólogo:

Esta modificação das oclusivas produziu-se, nos citados exemplos, por efeito da sonoridade da vogal tônica precedente. Trata-se portanto aqui de um caso de assimilação parcial progressiva. Proferida a vogal tônica com certa demora, estendeu-se, por inércia, a vibração das cordas vocais à consoante oclusiva. Favorecia a esta vibração prolongada a vogal precedente longa, como o era as mais vêzes em latim a tônica seguida de oclusiva simples. É de supor que, na Península Ibérica, se passasse também a pronunciar com alongamento a tônica que em latim clássico fôra breve, quer antes de oclusiva simples, quer antes das combinações pr, tr, cr. Assim procederia roda de rōta < rōta; padre de pātre < pātre. Notamos ainda hoje certa demora na pronúncia da vogal anterior ab, d, g. (Confrontem-se errada e errata, lado e lato, quadro e quatro, figo e fico.) (*op. cit.*, p. 25).

Outra explicação para a sonorização das consoantes oclusivas surdas encontra-se no princípio de economia fisiológica humana. Conforme Coutinho, as oclusivas surdas exigem uma pausa abrupta da vibração das cordas vocais. Por esse motivo é mais fácil dar continuidade à

vibração das cordas vocais e que, por conseguinte, tende a sonorizar as consoantes surdas consecutivas (*op. cit.*, p. 137). O filólogo Silveira Bueno explica esse fato linguístico da seguinte forma:

A sonorização das consoantes surdas; C, P, T passaram a G, B, D e muitas vezes o B ainda passou a V. É um efeito da “Preguiça Fonética”, diz Dauzat: C (K), P, T são ditas surdas porque são produzidas por uma vibração da laringe. Na pronúncia das primeiras a vibração das cordas vocais deve ser interrompida rapidamente e até por isso são chamadas também explosivas; a tendência preguiçosa a fez prolongar a vibração das cordas vocais para tais consoantes, produzindo o seu enfraquecimento e consequentemente a sua sonorização: lupu passou a lôbo; aqua a água; datu a dato (*op. cit.*, p. 34).

Levando em consideração os metaplasmos que proporcionaram que *Vīnum* ãcre > *Vīnu* acre > *Vinagre* ~ *Vinagrete* se constituísse em um todo fonético não podemos esquecer que, neste vocábulo, o processo de aglutinação dos termos “*Vīnu*” (vinho) + “*ãcre*” (ácido) tornou-se possível em razão da sinalefa ou elisão, que consiste em “queda da vogal final de uma palavra quando a seguinte começa por vogal” (COUTINHO, *op. cit.*, p. 148).

Dando continuidade às alterações ocasionadas pelo discurso, fixar-nos-emos no vocábulo *irmão*, que também criou-se em razão de aglutinação e procedente do fenômeno denominado fonética sintática.

Inicialmente, em *Germānus* > *irmão* podemos observar a aférese da velar sonora /g/, algo incomum se levarmos em consideração as leis fonéticas, que instruiu da seguinte maneira:

As consoantes iniciais não sofrem, em regra geral, modificação na passagem do latim para o português. As alterações, que porventura se notem, ou decorrem da influência da analogia ou da ação de algum fonema vizinho, ou ainda de ter a palavra penetrado primeiro em outra língua, de onde foi trazida depois ao português (COUTINHO, 1976, p. 111).

De acordo com outro estudioso da história da língua portuguesa, é comum durante o discurso confusões de pronúncia, que ocasionam alterações consonantais, mesmo estas em posição inicial:

Há, em português, bom número de palavras alteradas em seu começo por influências fonéticas erradas. Trata-se de uma falsa percepção devido ao engano em que se encontra o povo no tratamento do artigo que, muitas vezes, foneticamente, se confundiu com o início da palavra. Ora o artigo foi soldado ao vocábulo e temos o fenômeno da agregação, ora, sendo o início da palavra igual ao artigo, fizeram desaparecer este início, pensando que ele fosse unicamente o artigo e temos então a desagregação (BUENO, *op. cit.*, p. 79).

Segundo citado acima as alterações no léxico da língua portuguesa não provêm apenas de influências externas. O fator interno é um grande modificador tendo em vista que a dificuldade na audição proporciona incorreções na pronúncia e, por consequência, as variações no vocabulário tornam-se inevitáveis:

Qualquer incorreção ou defeito de audição trará erros no entendimento da palavra, na execução do som. Aqui está a causa de todas as alterações que a semântica estuda e que temos agrupado em nossos trabalhos sob o título geral de gente de mau ouvido. As palavras estrangeiras, de pronúncia estranha a nós, estranhas portanto à nossa base auditiva de fonação, não podendo ser acompanhadas em toda a sua integridade, se deformam em outras que se lhes assemelham. Por isto, do inglês *korn-bock*, *sleeper*, *altogheter*, *arrow-root* fizemos *corimboque*, *chulipa*, *alto-guedes*, *araruta*. Do italiano *lancia-spezziata* derivamos o nosso *anspeçada* e o francês *chauffeur* até os nossos rústicos já dizem *chofêr* bem como fizeram o verbo *choferar*, isto é, dirigir automóvel. Vê-se, pois, como a parte auditiva completa e aperfeiçoa a parte meramente articulatória da fonação. Os defeitos de uma influem na outra e ambas alteram *son*, vocábulos, a fonética enfim o idioma (*Idem, ibidem*, p. 55).

Em relação à citação anterior, constata-se que a celeuma provocada pelo artigo em posição inicial foi a gênese para a transformação de *germãnus* > irmão:

Não é somente na palavra isolada que os fonemas se alteram ou caem. Há modificações ou quedas que resultam da ligação das palavras na frase. É fato sabido que as consoantes iniciais não sofrem modificações. No discurso, entretanto, elas podem passar a mediais, sujeitando-se ao mesmo tratamento destas. Isso acontece quando as palavras se unem de tal maneira que venham a formar um todo fonético. É o que explica a queda ou modificação das consoantes em início de palavra. A queda de -g de *germanu* > irmão (arc.) > irmão tem a sua explicação em expressões como *meu germanu*, em que ele passou de inicial a medial. Ensina Leite de Vasconcelos que *maluta* origina de uma *luta*, com aglutinação do artigo uma ao substantivo *luta* e aférese do u (*COU-TINHO, op. cit.*, p. 130).

Finalizando este tópico, é preciso salientar a importância do estudo da fonética sintática ou paronímia, uma vez que essa nos mostra a necessidade de não só conhecer o vocábulo etimologicamente, mas também perscrutar os princípios fonéticos que regem a língua portuguesa. O estudo dos vocábulos nas questões do Concurso para Atendente Comercial I, dos Correios, proporcionou-nos o conhecimento de que um lexema-raiz-vocabular pode originar duas ou mais palavras. Algumas explicadas por analogia, outras têm a sua gênese com vocábulos que entre si não têm nenhuma relação.

4. Considerações finais

Após longo período de pesquisa, verificamos que a ortografia portuguesa se fundamenta em critérios fonéticos e etimológicos para o emprego das sibilantes. A não eficácia do primeiro complementa-se pelo segundo.

Entretanto, para uma perfeita compreensão de vocábulos grafados de um modo e pronunciados de outro, é mister a combinação de áreas distintas de estudo: filologia e linguística. A primeira dar-nos-á uma resposta pragmática sobre o porquê de determinada escrita quanto a origem e evolução. A característica desta é apresentar as formas de uso ortográfico ao longo da história. A segunda tem o objetivo de ir ao âmago de cada vocábulo explicando os motivos de uma pronúncia dessemelhante de sua escrita. Em outras palavras, seu aspecto é descritivo/explicativo, notoriamente.

Esse embate dos usos da variante de prestígio e demais variantes fez-se presente ao estudarmos os plurais de palavras terminadas em ditongo *-ão*. Assim como o período fonético do português foi incapaz de distinguir as sibilantes, causando enormes variações de plurais. Uma dificuldade de audição resultou em problemas de pronúncia e, assim, ocasionou não só a balbúrdia dos plurais de nomes latinos como também daqueles que vieram de outras línguas. Apontamos os vocábulos Sultân (ár.) > sultão, Charlatan (fr.) > charlatão e Refrán (cast.) > refrão. Embora semelhantes cada um tem formas distintas de plurais.

Ao estudar os plurais, constatamos que a etimologia dos vocábulos não era suficiente por si mesma, para explicar as formas ocorrentes hoje. Para se compreender a formação desses plurais, foi preciso recorrer à linguística histórica, que discorre sobre o tema por meio do fenômeno linguístico denominado analogia, que nos mostra a interferência de um vocábulo mais conhecido e utilizado sobre outro menos conhecido e utilizado. Pesquisando acerca desse fenômeno, constatamos que a formação ortográfica no léxico da língua portuguesa não depende somente da do uso normativo, mas das demais variantes que, são incorporadas paulatinamente na história futura da língua.

Assim, determinados vocábulos formaram-se por etimologia ou analogia, outros têm sua gênese na variação proporcionada pelo uso. Os termos cunhados pela fonética sintática têm, em seu íntimo, o princípio da economia fisiológica humana que, em casos particulares, aglutinam diferentes palavras transformando-as em um só vocábulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática latina*. 25. ed. São Paulo: Saraiva, 1994.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.
- MAURER JR., T. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- FIORIN, J. L. *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MATOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: Fonologia*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- BUENO, F. S. *Estudos de filologia portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

Anexo:



**DIRETORIA REGIONAL – MS
CONCURSO PÚBLICO – EDITAL 049/2004**



ATENDENTE COMERCIAL I

INSTRUÇÕES:

Você receberá do fiscal: um caderno de questões e uma Folha de Respostas para a prova objetiva. O caderno de questões está numerado sequencialmente e contém 50 (cinquenta) questões da prova objetiva.

ATENÇÃO:

- 1- Observe no retângulo acima se o título do cargo corresponde ao qual você fez a inscrição. Caso não esteja correto solicite a substituição para o fiscal de sala o qual deverá lhe fornecer o caderno de questões correto.
- 2- Verifique se o caderno está completo e se a numeração das questões está correta.
- 3- Confira seu nome completo, o número de seu documento na Folha de Respostas, e caso encontre alguma irregularidade, informe a um dos fiscais.
- 4- Leia atentamente cada questão da prova e assinale na Folha de Respostas a opção que a resposta corretamente.
- 5- A Folha de Respostas não pode ser dobrada, amassada, rasurada ou conter qualquer marcação fora dos campos destinados às respostas.
- 6- Você dispõe de 4 (quatro) horas para fazer a prova, incluindo a marcação da Folha de Respostas. Faça com tranquilidade, mas controle seu tempo.
- 7- Após o término da prova, entregue ao fiscal a Folha de Respostas devidamente assinada.

PORTUGUÊS	
<p>1) Assinale a alternativa cujas palavras não apresentam semivogal:</p> <p>a) macarrão ; alimentício ; esquecimento ; <u>esmola</u> b) vinagrete ; caixeiro ; frequência ; quermesse c) estadia ; periferia ; romaria ; franquia d) desespero ; assistência ; periculosidade ; <u>embriaguez</u></p>	<p>b) estelar ; bodega ; soneca ; canisma c) enjoo ; esperanto ; testa ; maestro d) misantropo ; escarlate ; capitania ; esmero</p>
<p>2) Aponte a alternativa com uma ou mais palavras grafadas incorretamente:</p> <p>a) decisão , posse ; fossa ; ferino b) desenlace ; recesso ; acesso ; <u>dejeito</u> c) <u>exame</u> ; assiduidade ; <u>decedência</u> ; <u>decência</u> d) <u>eximo</u> ; excelente ; açoite ; resumo</p>	<p>6) Identifique a alternativa em que há erro no emprego da vírgula:</p> <p>a) A governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Matheus, fez duras críticas ao governo federal. b) O tempo não é, meu amigo, aquilo que você pensou. c) Algumas coisas, precisam ser esclarecidas d) Brasília, Capital da República, foi fundada em 1960.</p>
<p>3) Destaque a alternativa em que ocorre encontro consonantal em todas as palavras:</p> <p>a) emburhuo ; atalho ; estetoscópio ; espécie b) prazer ; preguiza ; manjar ; matadouro c) estatal ; planície ; arapuca ; xicara d) adolescente ; tribunal ; casaco ; edição</p>	<p>7) Assinale a alternativa que traz palavras com as sílabas separadas incorretamente:</p> <p>a) su-pe-re-le-gan-te ; in-te-res-ta-du-al ; séc-ci-o-nal ; a-brup-to b) com-su-mis-mo ; <u>a-tra-ção</u> ; rá-di-o ; ci-ne-ma c) psi-co-lo-gi-a ; he-mis-té-rio ; ca-rac-té-re ; ex-ce-lên-cia d) sul-fa-to ; ci-rur-gi-ão ; a-go-ni-a ; vir-tu-o-sis-mo</p>
<p>4) Observe o seguinte texto:</p> <p><i>A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos. (Terra, Emami, Português, vol. 3: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2000)</i></p> <p>Quanto à classificação morfológica, as palavras destacadas são, respectivamente:</p> <p>a) substantivo , verbo ; substantivo ; pronome b) adjetivo ; verbo ; substantivo ; pronome c) substantivo , verbo ; adjetivo ; conjunção d) adjetivo ; verbo ; substantivo ; conjunção</p>	<p>8) Identifique a alternativa em que todas as palavras apresentam dígrafos:</p> <p>a) esqueleto ; chuvisco ; carro ; massa b) esgrima ; nascer ; palheta ; pediatra c) <u>hormônio</u> ; anônimo ; crisântemo ; agrão d) <u>guerra</u> ; guerra ; trapiche ; oca</p>
<p>5) Assinale a opção em que uma ou mais palavras precisam de acento gráfico:</p> <p>a) cobra ; sociologia ; procurador ; direito</p>	<p>9) Marque apenas a alternativa em que todas as palavras possuem ditongo:</p> <p>a) banana ; melanina ; marmita ; marmota b) oclusivo ; padrão , maxilar ; sintoma c) selva ; papai ; elegância ; guarana d) baía ; saúde ; saída ; jau</p>
<p>10) As palavras "regalia", "ofício", "ritmo" e "rua" são, respectivamente:</p> <p>a) Polissílaba, trissílaba, trissílaba e monossílaba. b) Polissílaba, polissílaba, dissílaba e monossílaba. c) Trissílaba, trissílaba, trissílaba e monossílaba. d) Polissílaba, trissílaba, dissílaba e dissílaba.</p>	

Realização: AOC – Assessoria em Recursos Humanos e Organização de Concursos Públicos S/C Ltda. – www.aocp.com.br

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<p>11) A oração <i>A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras</i> apresenta:</p> <p>a) Sujeito simples. b) Sujeito composto. c) Sujeito inexistente. d) Sujeito indeterminado.</p>	<p>19) Destaque apenas a opção que não apresenta pronome demonstrativo:</p> <p>a) Este livro que tenho nas mãos já está esgotado. b) Nenhum aluno passou em matemática. c) Aquela camisa que seu irmão está vestindo é minha. d) Não quero mais pensar nisso.</p>
<p>12) Na oração <i>Os meninos saíram do jogo suados</i>, o predicado é:</p> <p>a) Verbo-nominal. b) Verbal. c) Nominal. d) Inexistente.</p>	<p>20) Quanto à colocação pronominal, indique a alternativa er que ocorre próclise:</p> <p>a) Elisa o beijou à despedida. b) Vê-lo-ei amanhã. c) Os jornais chamam-nos de animais. d) O carteiro bateu à porta, entregou-me a carta e foi embora.</p>
<p>13) Na oração <i>Sucederam vários acontecimentos trágicos</i>, o verbo sublinhado é:</p> <p>a) Intransitivo. b) Transitivo direto. c) Transitivo indireto. d) Transitivo direto e indireto.</p>	<p>21) Destaque a alternativa em que não ocorre correspondência sinonímica entre os termos:</p> <p>a) erradio = errante b) nepotismo = favoritismo a parentes c) onírico = relativo ao sonho d) plausível = relativo à pauta</p>
<p>14) Observe a seguinte sentença:</p> <p style="text-align: center;"><i>Não encontramos as pessoas que deveriam nos indicar o caminho.</i></p> <p>É correto dizer que:</p> <p>a) Trata-se de período simples. b) Trata-se de período composto por coordenação. c) Trata-se de período composto por subordinação. d) Trata-se de período composto por coordenação e subordinação.</p>	<p>22) Em <i>O terremoto causou muitas mortes, coisa já esperada</i>, os termos sublinhados têm a função de:</p> <p>a) Aposto. b) Vocativo. c) Interjeição. d) Locução adverbial.</p>
<p>15) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal:</p> <p>a) Há vagas para novos trabalhadores naquela empresa. b) Os convocados devem fazer a matrícula na próxima semana. c) Vende-se lindos filhotes de pastor alemão. d) Jorge acordou cedo e saiu apressado.</p>	<p>23) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:</p> <p>a) De quem é aquele carro estacionado lá fora! b) Todos estavam sem dinheiro (e eu também). c) A vida é punição, sonho, mentira... d) Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".</p>
<p>16) Identifique a alternativa que apresenta erro de concordância nominal:</p> <p>a) Ela era alta, tinha cabelos curtos e claros. b) Os olhos eram castanho-claro e bem grandes. c) Foram necessários bastantes homens para remover o veículo do local do acidente. d) Os combustíveis estão cada vez mais caros.</p>	<p>24) Assinale a alternativa em que a palavra destacada não está empregada em sentido figurado:</p> <p>a) Na praça, ondulava um <u>peaço</u> de cabeças. b) O humorismo é o <u>açúcar</u> da vida. c) Serra Fielada é um <u>formigueiro</u> humano. d) O segurança da boate foi muito <u>descontês</u> conosco.</p>
<p>17) Identifique a opção em que a regência verbal não está de acordo com as normas gramaticais de língua portuguesa:</p> <p>a) O transeunte assistiu o pedinte. b) Marina não gostou do filme a que assistiu. c) Aproveite para declarar seu amor no dia dos namorados. d) Dos quatro filhos do casal, apenas o caçula puxou o pai.</p>	<p>25) Não apóio esse governo _____ desconfio dele.</p> <p>a) por que b) porque c) por qué d) porquê</p>
<p>18) Identifique a opção em que o emprego da crase está errado:</p> <p>a) Chegou à tarde e saiu à noite. b) À medida que caminhava, ficava mais próximo da base. c) Tomou o remédio gota a gota. d) Ardo à procura de emprego.</p>	<p style="text-align: center;">MATEMÁTICA</p> <p>26) Um vendedor recebe mensalmente um salário composto de duas partes: uma parte fixa no valor de R\$ 300,00, e uma parte variável, que corresponde a uma comissão de 8% do total de vendas que ele fez durante o mês. Calcular o salário do vendedor, sabendo que durante um mês ele vendeu R\$ 10000,00 em produtos.</p> <p style="text-align: center;"> $S = 300 + 8\% \cdot (x - 30000)$ $S = 300 + 0,08x - 2400$ $S = 0,08x - 2100$ </p> <p>a) R\$ 800,00 b) R\$ 1000,00 c) R\$ 1080,00 d) R\$ 1100,00</p>